



O Galaticto



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano VI—N.º 133 Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato PAÇO DE SOUSA Director e Editor — Padre Américo 2 de Abril de 1949 Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto Vales do Correio para CETE

Do que nós necessitamos

Mais eu que ia pela rua de Santa Catarina abaixo e oiço alguém a perguntar se eu é que sou; e ao saber que sim, rapa de 500\$ e caminha. Eu recebi e fiz na mesma. Mais uma encomenda dirigida ao Zé da Lenha. E' uma bola de câmara, como eles dizem. Tenho aprendido agora muita coisa que antes ignorava. Muita coisa! Pois era uma bola, sim senhor. Antes, tinha estado na aldeia um senhor e sua família. Zé da Lenha, foi o cicerone. Conversaram. Pronto. Na volta do correio, aparece o assunto da conversa. O endereço:—Zé da Lenha! Que dirão de nós os empregados dos C. T. T.?! Mais da Casa Modelo 200\$ pela passagem do *nosso digno sócio*. Gosto de quem morre com dignidade e de quem fica apreciando a dignidade. Mais 50\$00 de uma viuva. Mais da Fonte da Moura 3 lençois e 100\$00. Mais roupas de Tondela. Mais livros de Setúbal. Mais roupas de Avanca. Mais o *Dr. Zequinha*. Cheira a orçamento particular cumprido religiosamente; todos os meses aquela conta. Não pode haver esbanjamento em uma vida assim. Mais roupas e calçado de Arganil. Mais do Porto um fato e duas camisas. Nunca nos cansamos de pedir aquilo de que sempre e muito necessitamos; e com isso, damos um valor especial às tuas roupas usadas. Entram em serviço. São úteis.

Passando dos objectos às forças vivas e saudáveis, nós vimos hoje aqui dizer que necessitamos, sobretudo, de colaboração. Colaboração da sociedade aonde estes rapazes hão-de viver. O mundo tende a arrefecer. O mundo das almas, digo. A aragem que vem de fora e chega até às nossas aldeias, faz-me estremecer. Que há-de ser dos que hoje abrigamos postos *naquele* mundo?! Os crimes que se cometeram à luz do dia! Os crimes que se cometeram nas trevas. Os crimes que ficam no pensamento!... Depois a família, se infelizmente a teem. Depois o perigo do regresso, pelas suas tendências naturais. Tudo isto anda lá por fora à espera de cada um, num mundo que tende a arrefecer!

Depois os furtos. Os roubos publicados nas gazetas, os quais mudam de nome, consoante a quantidade e a pessoa; mas o Decálogo não muda. Coisa terrível!

O Júlio, que lê tudo em todos os jornais, comenta. *Olhe aqui mais esta*. Assim começa ele. Há dias, foi um senhor dos Corticeiros. Depois, um senhor dos Manuscritos. Agora é na Santa Casa da Misericórdia. A Santa! Tudo isto é o Decálogo. O Decálogo a condenar o mundo, porquanto homens há que fingem ignorá-lo. Outros, procuram substituí-lo e todos se arruinam. Ninguém quer ouvir falar nem meditar nas sanções eternas, por isso mesmo corta-se por onde for mais a direito! Não se teme a Eternidade nem a porta por onde entramos para ela (a Morte) nem as contas exactas que imediatamente e *necessariamente* temos de prestar! Os medicamentos dos hospitais, que são por direito e natureza a esperança dos nossos irmãos doentes! Oh! tremenda agravante do sétimo mandamento!

Que pensarias tu, doente, se alguém roubasse o teu remédio?

Pois nós temos um preceito impresso na nossa carne e escrito no Evangelho: *Não fazer nunca aos outros o que não gostamos nos façam a nós*. Tão simples. Tão doce. Tão fundo. Eu sei de enfermeiros especializados e contratados, que vieram de fora trabalhar nos nossos hospitais; e

não queriam acreditar em desvios de medicamentos.

Tal a anomalia a seus olhos!
Não pode ser, diziam. E é! Que o diga a Santa Casa!

Eu conheci outrora uma enfermeira *Sister Smythe*, que saía de ao pé dos seus doentes em busca de mimos e remédios, a grandes distancias e com grandes trabalhos.

Que imensa alegria não havia de ser a daquela Mulher, enquanto andava por lá ao serviço dos seus doentes? Igual ao nefando daqueles que andam por lá a negociar os remédios dos seus doentes! Fossem eles, ao menos, capazes de remorsos!

E mais nada.

NOTA DA QUINZENA

Mal refeito da esplendida noticia do Comércio do Porto que deu a carta aberta ao Presidente da Camara, eis que vejo no mesmo diário, dias depois, outra do mesmo género. Estes jornais, às vezes, dão para alguma coisa.

Era na página da frente; uma estampa de Pio XII e a noticia de um donativo de cincoenta milhões, entregues ao Sumo Pontífice, para a construção de uma aldeia. Casas humildes ao serviço dos humildes. Cincoenta milhões! Os milhões, às vezes, também servem para alguma coisinha.

Primeiro ponto; confiança na Igreja. Esperança na Igreja. Os filhos à roda da mãe. Sem desprimor para quem quer que seja, não é preciso subir muito alto para verificar que todos os homens de sã mentalidade, confiam, esperam, amam a Igreja.

O erro deles, em todos os tempos tem sido atirar pedras à Mãe ou levar os mais a fazê-lo. E elas, as pedras, ferem quem as atira, mesmo que pareça acertarem! Este Senhor, confiou cincoenta milhões à Igreja e como nesta data da história, Pio XII é a Igreja, segue-se que o encargo se encontra naturalmente nas Suas mãos. A estampa o diz. Ali aparece a figura do Pontífice reinante, conferenciando com os architectos, plano estendido sobre uma larga mesa.

A Obra vai começar imediatamente. Talvez tenha, até, já começado, a julgar pelo semblante de Sua Santidade.

O segundo ponto desta nota da quinzena, é o acerto e o momento. Acerto da Obra e o momento de a executar.

Grandes males, pedem grandes remédios. A Itália parece ser a Nação que mais sofre do mal dos nossos tempos, se vamos a dar crédito às informações da Imprensa. O coração da Itália, é Roma. Roma de Pedro, é o coração do mundo. Pois que o mundo acredite nas obras, não querendo ou fingindo não querer acreditar nas palavras.

Uma aldeia de casas humildes para os humildes. Eis o grande remédio. Remédio ministrado, não por um qualquer, mas sim pelo Pai Comum de muitas gentes. Que Deus o conserve.

O NOSSO JORNAL

Venho agora mesmo da redacção, aonde os rapazes estão a dar as ultimas pinceladas no serviço de cobrança. Da cobrança que excepcionalmente somos compelidos a fazer, pela oposição de uma grande duzia de assinantes. Oposição à nossa regra de não cobrar. A oposição é uma coisa boa. Espevita. No nosso caso, obriga os redactores a mais umas horinhas de trabalho, o que lhes faz só bem, salvo a opinião do Alfredo, que morre por não fazer nada. Ora eles estão a trabalhar pelas contas do ano passado. Teem à sua frente as listas de nomes, por terras, e mandam este ano a conta a todos quantos honraram o seu nome. Dos mortos não se fala. O Avelino escreveu piedosamente na lousa de cada um o R. I. P. eu botei água benta e acabou.

E' cheio de esperança que vamos mandar aos Vivos o nosso cartão de visita. Não se presume que ponha este ano escritos, quem estava em casa e abriu a porta o ano passado. Não se presume.

Quanto ao mais, não temos razão de queixa. As vendas nas terras aonde as fazemos, os pedidos de novas assinaturas, a incomparável generosidade dos fiéis,—tudo isto marca progresso e anima a gente a escrever melhor.

O Abel, por um triz que não perdeu a camisola amarela, na venda do derradeiro. Por um triz! Quando se viu perdido, pediu um monte de jornais ao Julio e foi ruas abaixo implorar a todos, não regressando mais a casa, sem ter despachado tudo. O rival é o Barros. Os dois, ultrapassaram os 400 numeros e a diferença ficou em meia duzia deles.

Desta vez houve um estreia. O *Risonho* foi-se estrear. Antes, fez exame em tribunal. Primeiramente a questão de trocos. Respondeu a tudo. Ficou bem. Depois a questão dos eléctricos.

—Como fazes tu?
—Espero que ele venha, firmo-me nos pés, agarro-me e assubo.

Também ficou bem. Finalmente, vieram as hipóteses.

—Supõe tu que um senhor refila pelo jornal ser pequeno e custar mais do que o Janeiro; que dizes tu?

—Eu cá digo que o jornal é mais pequeno mas tem mais moral. Neste ponto ficou muito bem.

Ainda lhe fiz mais umas perguntas acerca dos policias e também da presença de um prato de pasteis na *Ateneia* e achei o rapaz muito senhor do seu papel.

No regresso, juntei aqui em casa os 7 vendedores. Costumo eu lançar qualquer coisa que os azede, porquanto sabido é que, uma vez zangados, aí vêm grandes verdades... Mas desta vez não. Parece ter corrido tudo na apurada. O *Risonho*, perguntado de como se houve no subir e descer dos eléctricos, declarou imediatamente: *Foi lá que eu me governei!* Vendeu a passar de duzentos. Zé d'Arouca disse-me que o Rôla não toma juizo e continua com a fralda de fora pelas ruas e eléctricos! Ora ele aqui em casa, anda sempre assim; Isso é verdade. Mas também é verdade que no tribunal da venda, faz-se lhe a recomendação de a meter p'ra dentro. O reparo do Zé d'Arouca tem fundamento! O rapaz, não tem feito caso nenhum do aviso! E' o Rôla. O Rôla é o Lourenço da Banharia. Do Barrêdo! E' um salvado!

(Continua na 2.ª página)

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado . . . 105.800\$00

E de Lisboa. E dois no Lar do Porto. E 20\$ de «Um tipo qualquer que mais mandará quando puder». Temos cantigas à tipografia! Ai veem os trovadores. E de S. Pedro do Sul. Um senhor daquela vila não esteve com meas medidas e quis enviar uma lista de 60 nomes do concelho. Se as bichas pegam e eles assinam, os últimos serão os primeiros. Lembro ós senhores as conveniências de se alistarem desde já, à cautela!... E do Porto a valer por dois. E Lisboa. E de algures. E de Vizeu; é um sacerdote. E no Porto, a um dos pequeninos vendedores, 200\$. Os funcionários da Companhia Velha também vão. Eles chamam-se *fixes*, assinantes em dia e dão para um dos dentes da máquina. Aquele em dia é uma pancadinha ós esquecidos. Pancadinha d'elles, já se vê. Eu cá não digo nada. Pois que venham os *fixes* da Companhia Velha e não esqueçam uma garrafinha d'ele. E' que eu também vou!... E Lisboa. E Lisboa. E uma solteira do Norte. Venha sim senhor. E' a primeira que se declara. Vão tantos! Quem nos diz que não arranja lá o seu casamento? E de Tomar. E do Mogadouro. E de Alfaielos. E de Lousada a dobrar. E de Pombal. E de Vizeu. Agora 50\$ e logo que possa manda o resto. Isto é que se chama dinheiro forte. Outra vez Tomar! E do Porto. E Lisboa, 30\$ por conta. Mais dinheiro forte: E Melgaço. E' Uma. E de Carrazeda Montenegro. São Duas. Um pároco da aldeia que quer ser capelão do aguerrido exército. Sim senhor. Peça carta ao senhor Bispo e vamos. E do Porto: Sou um dos mais pequenos funcionários públicos pois que pertença ao pessoal menor. Quero pagar em cinco prestações: Aqui vai a primeira 20\$. Quem souber comentar que o faça.

E esta carta:

Já enfileirei mesmo, gostosamente, nos 5.000 da Tipografia.

Porém, sinto que, de todas as vezes que o fiz, não dei o que devia e podia.

Como quero reparar, em parte, tão grande falta, tomei a liberdade de colocar num Banco, à ordem de V. a quantia de 1.000\$00, para a Tipografia, pedindo desculpa de ainda não ser tão grande como eu desejaria, mas a minha vida, de momento, não me permite mais. Se Deus quiser, porém, logo que possa, tornarei a cumprir o meu dever.

Se pudesse ser, muito agradecia o favor de pedir a Deus por mim, pois sou um grande pecador.

E de Lisboa: Somos noivos. Pedimos orações pelo nosso noivado, caminho de pureza e de alegria. Há 2 anos que nos conhecemos para melhor conhecermos Deus. Mas isto é simplesmente magestoso! Estes lares são a grande força que naturalmente se levanta contra a invasão dos bárbaros do nosso tempo. Publicando estas notícias, torna-se o Gaiato um Avante às avessas. Quem sabe se, por elas, muitos avançados começam a recuar mas é—quem sabe?!

E de Lisboa. E de algures. E uma segunda prestação de 200\$00. E esta? Aqui vai a minha primeira encomenda para a nossa tipografia! E' um cento de cartões de um senhor da Invicta. Invicta sim senhor! Mais um do Porto que veio pelo seu pé dar a sua contribuição; é Um a valer por seis! Oh Porto, quem te conhecerá! E de Luanda; é o Império a falar. E do Rio de Janeiro; é o mundo a falar. E de algures. E de Coimbra—2.ª prestação. E de Faro. E dos alunos da escola primária de Ferreira a primeira prestação de 20\$00. Também vão rapazes da escola. Oh bulício! E de Vale de Cambra; é um sacerdote. E o João Manuel de 10 anos. Já vão outros da mesma idade. Oh mestifório! E do Porto. E Três Marias de Rio Tinto; ocupam só um lugar. E de Oeste. E de Aveiro; vou em cinco prestações. Estes são os que dão mais e parece que não! Pois são sim senhor. Tiram-no da boca: outros, fazem-no das sobras. Eis. E de Lisboa. E de Lisboa. E de Lisboa. E do Porto, do Pároco do Barredo. E de Tondela com mil e tal escudos. E de uma família alentejana a dizer que sente uma grande alegria por contribuir. Pois já se vê. Que mais doce alegria se pode experimentar na vida?! E outra vez de Luanda. E de Coimbra com metade. E de Lisboa. E de Lisboa. E de Coimbra. E do Porto. E de Gaia. E da Beira Baixa com 250\$00. E de Aveiro. E de Arouca. E outra vez Arouca com metade. Vão ambos. E de Trancoso. E de algures; mais um p'rá conta, como vem na carta.

transborda sempre; sabe medir. E Santarém: Por estas terras é mais pequena a medida do dar. Todo o Ribatejo assim é! E da Foz. E o Pároco de Vila Nova de Ourém. E de algures. E de Tomar. E Lisboa. E algures. E outra vez algures. E mais a primeira prestação de Dois Funcionários; 20\$00. Vejam os senhores; tão pobres estes funcionários, que só reunidos podem dar aquela soma! E dão!! E de Gondomar. E de Vizeu. E de Lourenço Marques. Não há distâncias. De Vizeu a Lourenço Marques é um sopro! Um sopro na fogueira, e que Fogueira! Luz e calor! E do Porto. e outra vez o Porto. De Lisboa. Do Porto, por amor de um neto. Os netos são a doença dos avós! E do Porto 60\$. E do Porto. E do Porto 20\$. E do Toni Pinto. E de Matozinhos; para enfileirar, tivemos de nos juntar 7. Lindas fileiras! E do Porto. E do Porto. Todas estas quantias, foram entregues aos nossos vendedores, bem assim a passar de mil escudos, assinaturas pagas pelos próprios, na venda do derradeiro número. E do Porto de uma Nora, Mãe e Avó! Uma só pessoa com três missões. Uma pessoa cheia. Por isso mesmo vai nas fileiras a valer por dez! E de algures, do primeiro ordenado do meu filho.

Eu sou viúva e vejo meus filhos a ficarem moços. Vejo a sociedade como está corrompida e perigosa e tenho medo d'elles. E a carta estende-se em considerações desta natureza. São hinos de dor, causado pelo amor. Em pequeninos, trazia-os no colo e não tinha medo. Hoje, que andam no regaço da sociedade corrompida, tem medo deles. Mãe aflita, por esse medo se dignifica cada vez mais. Mãe cristã, se vê que os não pode segurar. Segurar os seus filhos e as suas filhas. Se vê, digo, não se deixe arrastar. O mundo passa!

Ora vamos agora a contas:

Atrazado . . .	105.800\$00
Hoje . . .	11.730\$00
Soma . . .	117.530\$00

Faltam 383 contos de rei.

Se isto fosse uma Empresa que desse, já há muito estaria coberta. Mas como dá de outra maneira, por outros caminhos, vamos assim.

O Aniversário do nosso jornal

Damos aqui no texto um telegrama que recebi de Lisboa, de uma Repartição do Estado, que diz assim: Felicito aniversário jornal desejando prosperidades serviço da nação.

Um telegrama. Ao todo — Um. Um telegrama.

Eu gastei tanto dinheirinho com ele nos macacos, como os nossos mais pequenos chamam às gravuras; ou revistas, como outros usam fazer. Seja uma coisa seja outra, o certo é que gastamos muito dinheiro. O mesmo se diz do seu tamanho; aquele número especial, era justamente o dobro do vulgar. Esperava-se, naturalmente um bocadinho de animação da parte dos meus ilustres colegas da Imprensa. Pois enganai-me. Enganei-me redondamente: Um telegrama. Um!

Ele é verdade que eu previa isto mesmo, a ajuizar pelos mais anos, e mandei suspender tudo, quando fui informado das despesas. Sim. E' verdade. Mas os da Redacção ateimaram. Que andasse para a frente. E' uma consoladela, disse o Alfredo. Ande que a gente vem lá, disse o Cête. E eu condescendi.

Lêde e propagai
"O GAIATO"

VISITANTES

Só bem. Só tenho a dizer bem deles. E que valor! Primeiro, não são chamados; é por sua livre vontade que aparecem. Segundo, veem os mesmos, muitas vezes. Terceiro, enganam-se muitos deles no caminho, por falta de acesso adequado e por inteira ausência de sinalização. Não são contos do meu rosário, já se vê. Fora dos muros da aldeia, não risco. Quarto, veem e dão. Dão e não ganham indulgências, nem veem jamais os seus ricos nomes publicados.

Ora isto é um enorme crédito na folha dos Visitantes!

Eu quase nunca estou aos domingos. Não estou. Tenho de andar por lá a mendigar o pão que comemos em casa. Mas nas vezes em que estou, vejo e oiço muita coisa. Assim é que há dias, ouvi apreciações do Famoso e predilecções da sua leitura. Eu começo sempre por Isto é a Casa do Gaiato e imediatamente passo ao Do que nós necessitamos. Ora eu cuidava que o artigo do fundo fosse o primeiro para todos os leitores. O meu cuidado, o meu saber, a minha gramática; — tudo se concentra ali. Cuidava sim senhor, mas não. A bisbilhotice. A bisbilhoticesinha. No gosto de saber o que se passa cá por casa e também o gosto de saber como e quanto nos dão. Ora aí está.

Outra coisa que eu muito aprecio, é a maneira como saem da Capela os que entram a visitá-la. Simplicidade! Mas que simplicidade! Realmente, ali dentro, há o nú. Por altar a pedra à vista. Por toalha, linho sem rendas. Por lampada, uma candeia. Mas que simplicidade, exclama-se. Saem vencidos. Subjugados. Em vez de palavra, nota-se o murmúrio discreto e convicto: Simplicidade!

Até aqui, nada de estranhar. A Beleza não tem palavras; é a interjeição. O que eu estranho é ver como foge da simplicidade, quem sobremaneira a aprecia!

O automovel que fica à porta da Capela. Os senhores mal-las senhoras que de lá saem a visitar. O flamejante. O complexo a apreciar o simples! Isto é que me causa espanto. Espanto, não digo bem. Compreensão da natural incoerência dos homens. E quem tiver a coragem de penetrar dentro de si mesmo num doloroso e precioso exame de consciencia,—isso então é que vê coisas! O Insondável. O Misterioso. A Verdade.

Senhores Visitantes, continuem. Venham ver. Os influentes, que peçam um sinal indicativo à Junta Autónoma das Estradas para não andarem perdidos, a queimar gasolina. E peçam, também, ós Engenheiros da Urbanização, que andem prá frente com a estrada de acesso à Casa do Gaiato, cujo traço se encontra feito no papel há um rôr de meses. Só faltam as picaretas.

E se alguém, convencido da simplicidade da Capela, for capaz de se vencer a si mesmo e trabalhar por ser também simples, — demos graças a Deus. E mais nada.

O NOSSO JORNAL

Continuação da 1.ª página

O Barros chamou-me de parte, muito em segredo, e mostrou uma lista de nomes que um senhor lhe deu. São nomes de casas aonde trabalha muita gente. São seis casas. Mais me disse o Barros, que estes senhores lhe querem fazer uma festa, no dia em que ele tirar o Abel a camisola amarela.

O Abel, por sua vez, e também muito em segredo, fez-me queixa do rival e que o Julio lhe não confia a ele Abel, tantos jornais quantos ele, Abel, gostaria de levar para a venda. E que desta maneira, corre sério risco de perder a camisola amarela. Por outro lado, eu estou a notar uma certa divisão no grupo vendedores; uns acodem pelo Abel, outros pelo Barros, e o que se me afigura muito pior, é que o Faisca também se propõe para Campeão. Estou a ver que só um Pacto. Temos de ir para um Pacto!

Ora por estes perigos da parte dos vendedores, e até por causa deles, é que eu peço aos assinantes a força de coesão. Todos homens de um só verbo: Pagar a respectiva assinatura.

O Alfredo, que tem sido o das sentenças, quando se põe qualquer questão. O Alfredo, ia eu dizendo, ao pôr em ordem de marcha os recibos, declarou: Muitos destes vão-se abaixo.

O Alfredo é um doente. Doente dos pulmões. Está proibido da bola. Está proibido da bicicleta. E' um doente. E' um rapaz que por nada se vai abaixo e é precisamente nesta luz que ele vê as coisas.

Portanto, os senhores não tomem a mal o

AQUI, LISBOA!

E' agora um pomar florido, a nossa quinta. A primavera veio mais cedo e as laranjeiras não esperavam pelo equinócio coroaram-se de flores e um aroma delicioso embalsama os ares. Até os passarinhos, se enganaram nos tempos e começam já a preparar os ninhos entre cachos de flores. Espreitam-nos os nossos rapazes que assim esquecem vícios e tristezas. O criador inclina-se amorosamente para os pobres filhos da rua para lhes tornar menos duro este vale de lágrimas. Assim fizessem todos os homens!

As nossas laranjeiras tem sido as grandes benfeitoras desta casa. Além da merenda com que nos regalamos durante três meses garantem-nos o pão para um mês inteiro.

O crónista já aqui disse o total do seu rendimento. Os rapazes sabem o que sai e o que entra em casa.

Não temos segredos. Não são apenas assistidos, são colaboradores.

Grande parte da despesa e da receita passam-lhes pelas mãos, para que eles saibam avaliar o custo da vida e a bondade de quem os ajuda. Quando sucede confiar a algum dos Rapazes somas de cinco ou mais contos para liquidar facturas dos fornecedores, não raro apertam a cabeça entre as mãos e exclamam admirados: ehl tanto dinheiro que se gasta!

Também passou pelas mãos deles o produto das laranjas. Ao regressar da Praça da Ribeira com a conta do vendedor um dos gaiatos não cabia em si de indignado.

— Pois é: nós comprámos o motor, nós regámos, nós cavamos, nós apanhamos as laranjas, temos trabalho e despêsa na embalagem, em leva-la de noite para a praça, e os outros é que ficam com o dinheiro. Olhe para isto!

Reza assim o papelinho que ele apresenta:

Receita: 9 cabases, 223 quilos, 385\$50.

Despesa: Entrada na Praça—3\$60; descarga—2\$70; armazenagem—4\$20; despacho de taras—2\$70; aluguer dos cabases—18\$00; inspecção—5\$80; comissão—30\$90; grémio—6\$70; selo—\$40. — Total—75\$00.

Isto era em 31 de Dezembro, segundo se lê na factura.

Procurei então convencer o Rapaz de que os outros também precisam de viver, e de que Deus quando dá, é para todos.

Demais, acrescentei, vem aí o Ano-Novo e, bem sabes que os organismos oficiais se não esquecem de nós. Quantas vezes não tens tu ido receber valiosos donativos... O dinheiro vai-se por um lado, mas volta por outro.

Mas o que é certo é que ia ficando mal colocado. Aquela palavrinha—por ordem de Ex.^{mo} Delegado do Governo—veio tarde e foi muito mal ouvida este ano. Que haveria por lá?

Nós devemos confiar nos homens enquanto eles não desmentirem a nossa boa-fé. A verdade vem sempre ao encontro da rectidão de espirito.

Pois foi descobrir a verdade aqui bem perto de nós.

Lousa é uma pitoresca aldeia encavada entre colinas revestidas de pinhais. Como todas as aldeias portuguesas, é dominada pela igreja caiadinha de branco. A' volta dela estende-se o casario também caiadinho de fresco. Quem ali passar, a certa hora de Domingo, vê um bando enorme de 200 crianças bem lavadinhas e alegres subir as escadas do templo.

A *Caritas* foi buscá-los ás ilhas, becos, aldeias miseráveis para dar-lhes um mês de abrigo e bom alimento. Pelo sotaque se descobre a proveniência de cada uma delas. Há-as das ruas do Porto, de Silves, de Lisboa e da Beira.

—E as despesas? perguntei.

—Correm por conta do Grémio da Mercaria. Rejubilei com a notícia.

Ainda bem que ha homens inteligentes e bondosos à frente destes organismos. Por este caminho tapam-se muitas bocas que só sabem malsinar.

Sim; é este o caminho a seguir. E' preciso que os organismos e empresas oficiais e particulares sem prejuízo da sua finalidade própria, destinem voluntária e generosamente uma parte da sua receita disponível ao bem social. Nunca hão de faltar imperiosas necessidades a que urge acudir.

Claro que, mesmo assim, só quando o sobreiro der bagas e a cortiça fôr ao fundo se hão de calar as bocas do mundo.

Mas hão-de calar-se muitas bocas que pedem pão e não têm quem lhes reparta.

Não nos custa já dar do nosso trigo, do nosso azeite, das nossas laranjas; também não lamentamos ter recebido menos, pois temos a certeza de que outros igualmente necessitados, foram contemplados.

P.º ADRIANO

Crónica Desportiva

Gaiatos 5—Centro Ciclista de Gondomar 4

GAIATOS

Carlos

António, Constantino e Maximiano

Luís e Armando

Periquito, Jacinto, Camilo, Cete e Vieira

O jogo começou pelas 15 horas, com a bola a pertencer aos visitantes, que criaram perigo para as balizas do Gaiato, Carlos sai da baliza, mas não consegue deter a bola e assim regista-se o 1.º golo dos visitantes. A bola vai ao centro Camilo passa a Jacinto este para Periquito que remata para fora. Aos 15 minutos regista-se a segunda bola dos visitantes, com uma jogada pessoal do Ponta esquerda. A bola vai ao centro Camilo passa a Cete este a Armando que passa a Vieira centro deste, para fora. O pontapé de saída é dado pelo guarda-rêdes, António de cabeça passa para Jacinto, este para Periquito que centra e o defesa salva de cabeça, para perto, Luís acorre e passa para Vieira que remata e Armando, que passou para avançado-centro, com um toque confirma o golo. A bola vai ao centro. A' uma jogada de Luís, que é desarmado e cria perigo para as balizas, Constantino alevia e a bola é dominada por Jacinto este para Cete, que passa para Vieira centro deste e Armando marca o 2.º golo dos Gaiatos.

E assim termina a 1.ª parte com 2-2

Na 2.ª parte a bola de saída pertence aos gaiatos. Armando passa a Jacinto este a Camilo que dribla 2 adversários passa a Luís, que é desarmado e a defesa do Gaiato vê-se em apuros, mas Carlos consegue defender. Carlos bate a bola com força, esta é dominada por Vieira, que centra com muita força e Periquito obtém o 3.º golo dos gaiatos. Depois que Periquito marcou o 3.º golo, não passou mais bolas, só rematava para a baliza, para marcar muitos golos. O avançado-centro tem a bola nos pés, passa ao interior esquerdo este com um remate bem colocado obtém o empate. A bola vai ao centro, Armando passa a Jacinto este a Periquito, que remata e o guarda-rêdes ao defender a soco a bola dá nas costas de Cete e entra. Ouviram umas jogadas, e numa dessas jogadas, Cete passa a Vieira, que remata rasteiro e marca o 5.º golo. Os visitantes responderam com energia, obtendo assim o 4.º golo por intermédio do interior esquerdo. O resultado ficou com 5 e 4 para os gaiatos, porque o árbitro deu por terminado o encontro. Ganhamos nós.

«CÊTE»

De como foi a minha viagem a Castelo Branco

Foi o Padre João. O Padre João Pires e também o Snr. Tomás Mendes, empresário do Cine Teatro. Estes foram os agitadores. Os incendiários. A' hora em que ali cheguei, ardia a cidade. Cheguei não; chegamos. Em Coimbra, entraram no «Morris» quatro festeiros, a saber: o Lisboa que é o do piano; o Ratinho que assombra a tocar castanhetas; o Monarca que canta muito bem; e finalmente o Ernesto, que é o orador oficial. Eis os quatro, aos quais não chamo grandes para não cair na banalidade. Direi, por isso, os quatro artistas.

Castelo Branco fica no cabo do mundo. Por quantas terras não passamos nós antes de entrar na cidade! Eram precisamente oito e meia da tarde quando ali chegamos e também era esta a hora marcada para dar começo ao grandioso espectáculo. De sorte que, comprados uns paus de chocolate para alento dos *artistas*, deu-se imediatamente começo. O povo era em pinhas.

O próprio palco encheu-se. As paredes do edifício rangiam. Eu berrava assustado, ao Empresário: *ólhe que vamos todos para o fundo!* E o Empresário acalmava. Dentro de uma hora pouco mais ou menos, tínhamos nós cumprido. Estava o recado dado. O recado dos festeiros. Agora ia começar o dos Ouvintes. Ia-se tomar o pulso...

O senhor Tomás Mendes e Padre João estavam assustados. Assustadíssimos: os senhores da terra que eles muito gostariam de ver lá dentro, vieram sim, mas não puderam entrar. Vieram à hora marcada, mas a invasão já se tinha dado. E agora?! Tinha ficado lá fora o dinheirinho!

Eu estava tranquilo.

Estou afeito ao muito, ao pouco, e ao nada. De resto, já tinha o meu quinhão:—O grande sa-

UMA CARTA

Em primeiro lugar o que desejo é a boa saúde de V. e de todos na Nossa Aldeia. Envio 25 escudos para pagar a minha assinatura, na esperança que ainda não esteja enterrada na Redacção, qualquer sitio me servirá para me enterrar mas nunca a Redacção do Sublime Gaiato! Envio mais 2 escudos para fazer favor de me mandar se ainda houver 2 números do Gaiato que trazem o Seu Testamento, queria mandar para Inglaterra. O seu Testamento foi uma das maiores Consoladelas da minha vida, mas há poucos que entendem! Foi grande inspiração que Deus lhe deu de redigir assim o Gaiato! Misturar o sublime com o banal, assim todos leem, se fizesse um tratado sobre o amor de Deus e do próximo ninguém o lia! Dêmos graças a Deus por tudo. Leio o Gaiato 2 e 3 vezes para ver se me escapou alguma coisa. Não sei o tempo que ainda aqui estarei por isso se não fizer transtorno envie-mo para aqui. Desculpe ir a lápis, tenho as mãos meias tolhidas pela anemia perniciososa. Se Deus ainda me der alguma saúde, ainda espero ir a conhecer os nossos rapazes, e as galinhas e os pássaros e os porcos. Peço o favor de dar muitas saudades minhas a todos os rapazes duma velha Irlandeza que muito bem lhes quer a todos e deseja muito ir conhece-los. Demos graças a Deus.

Se ela o não fizesse, ninguém diria que esta carta é de uma senhora estrangeira, de bem escrita! E tudo no seu lugar, porquanto o Santo Nome de Deus é ali muitas vezes invocado. Sim; quando colocamos Deus no primeiro, tudo o mais se encontra no seu.

A' falta de melhores conhecimentos de teologia, vai a gente prégando o reino de Deus com as galinhas e os pássaros e até os porcos! E com tanta eloquência o fazemos, que esta Ouvinte não tem perdido uma palavra. Busca e rebusca, não vá alguma ficar. E chama uma *consoladela* ao sabor dos sermões.

Tanto, que vai mandar desta doutrina para a Inglaterra. Galinhas e passarinhos para a senhora Inglaterra, afeita a tudo quanto há de bom! Pelo menos, dantes era assim. Hoje não sei. Já há muito que não saio de Portugal, mas vi há dias, espalhados pelas ruas do Porto, uma dúzia de marinheiros do *Cleópatra*. Tão miudinhos! Dantes não era assim...

Seja como for, lá vai a doutrina. A *mistura do sublime com o banal*. Demos graças a Deus. Assim como a autora da carta, assim eu termino.

crifício da minha presença. Mas os dois *Incendiários* não eram da mesma opinião. Eles queriam naturalmente, que a cidade de Castelo Branco falasse muito alto e se explicasse muito bem. Dai o Senhor Mendes dirigir-se às senhoras das suas relações, manda-as ir a suas casas por sacas e tabuleiros e bandejas e cestos e tudo o mais que fosse bom para conter notas; e elas foram.

Depois, assim reunidas, manda colocar as ditas senhoras nos dois caminhos da saída. Depois o próprio senhor Mendes, levanta a voz ao povo que ia saindo e préga os costumes e as tradições da cidade. E que ninguém saísse sem se desobrigar nos cestos ou nos tabuleiros ou nas sacas ou nas bandejas. E Castelo Branco desobrigou-se. A cidade de Castelo Branco desobrigou-se. Se contarmos uma libra em oiro que apareceu entre as notas, atingimos os quinze contos.

Viva o povo de Castelo Branco!

E que dizer de quem recebeu os quatro artistas, e de quem me recebeu a mim, e de quem mostrou a cidade, e de quem deu canetas de tinta permanente, que foram, para os rapazes, a coisa mais falada; e de quem nos deu um delicioso merendeiro, que foi saboreado no caminho, à sombra dos Pinheiros. A onde eu vi que os quatro das canetas, traziam os dedos cheios de tinta! Interrogados, responderam que foi por os senhores as terem enchido de tinta! E que dizer de tudo isto, digo? Nada. Está tudo dito acima! Viva o povo de Castelo Branco!

E já agora, antes de terminar, vamos a uma comparação, e tirar dela uma lição. Não é uma queixa. Não é uma crítica. Não é uma acusação. E' uma lição:—Não há muito tempo que eu andei a pedir pelo Ribatejo. Bati às portas mais importantes daquela região: Santarém, Abrantes, Alcanena, Torres Novas, Tomar. Pois bem. Contando tôdas estas portas e somando, deu menos, do que hoje! Mas há outra lição. E' que os senhores daquelas terras por onde andei, todos êles, ao dar, fizeram-no com a convicção de se terem desobrigado generosamente; e este é o sinal perigoso de que não compreendem a sua obrigação.

Isto é a Casa do Gaiato

GOSTEI de ver o chefe enxotar 2 pitos do refeitório, à hora de jantar. Andavam às migalhas. Não foi verdadeiramente o enxotar que eu gostei; é que, pelo gesto do chefe, fiquei eu sabendo que as aves tinham entrado e comido migalhas. O meu gosto seria que, não só aqueles dois pintainhos, mas todos os mais que ora temos e as galinhas e os patos e os perus e as galinhas da Índia e os garnizes do Moreira e as pombas e tudo entrasse no refeitório, à hora em que a gente come, a comer migalhas. Tudo. E esta foi a segunda razão que me levou a apreciar a atitude do chefe; ele mostra ter mais um bocadinho de ordem do que eu. Ainda bem!

O Moreira não me larga. Não se farta de me seringar para eu pôr no jornal. Quer em todo o modo que eu avise da sua ninhada de garnizes. *Ande; ponha no jornal.* E eu assim faço.

EINTRARAM agora mesmo os dois cozinheiros com uma cesta de vime e dentro dela 36 pintainhos. Claro está que tive de deixar o meu trabalho e fazer festas ós recém-nascidos. Foi para isso mesmo que os dois rapazes aqui vieram. Eles já lhas tinham feito e muitas e de muitas maneiras; mas faltava eu. A nossa vida é comum.

HOJE é dia de S. José. Dia santo na aldeia. Após a missa, deixei-me ficar um bocadinho na capela, a fazer contas. E' ali que eu as faço todas, e nunca me enganei. Não pode haver enganar, sendo recta a intenção. A todos quantos ali as façam nestas condições, sucede necessariamente a mesma coisa. Pois estava recolhido, sim, entra uma chusma pela porta dentro. Era uma acusação. *Camilha* vem acusar um de jogar a bola dentro de casa. *Era dentro da casa!* Estava o réu e um rór de testemunhas. Também estava a bola. São os visitantes. Os senhores visitantes, enquanto visitam, contraem amores com os cicerones. Estes amores,

são feitos de bolas, já se vê. Vão-se embora e, fiéis aos contratos, mandam bolas. Como não teem de os aturar, mandam bolas, sim e nós que os aturemos!

QUEM é que disse que nós não temos rapazes zelosos das suas obrigações—quem? Ora façam o favor de lêr:

*Ate são e prui
fido Buker Nos
Seibero sem
Ordem do Senhor
Padre Americo
Zé da Arouca*

E' o Zé de Arouca. O Zé de Arouca é o da limpeza dos salões da casa mãe e também do meu escritório. Tendo eu tido de me ausentar por breve tempo, no regresso dou de cara com aquele aviso, pregado com um alfinete na capa de um livro, estando este e alguns mais sobre a mesa do centro: *Ate são*. O zelo é parente da ousadia. São duas forças irmãs. E é creador. O Zé d'Arouca, não seria capaz de escrever assim, por lição. Ele chegou sem luzes de escola e é nosso há poucos meses. Não seria capaz. Mas o desejo de ver a sua obrigação em boa ordem, *ensinou-o* a escrever!

UMA novidade; a nossa casa em labareda! São os piriqitos. O casal deles que temos no aviário, anda a criar. Já estão seis ovos. E' o assunto de toda a hora, onde quer que haja um grupo. A porta do aviário foi reforçada e a chave devidamente examinada...

Por via de interferências desnecessárias, também uma nova ninhada de porquinhos se encontra debaixo de chave. A porta só se abre quando se vai dar de

comer, e só vai o encarregado, e fecha-se imediatamente! Estas notícias não dão grande crédito à nossa organização, já se vê. Não dão. Mas a atracção da vida pela vida, é irresistível. Os rapazes não são capazes. Ver não basta. Não de pegar com as mãos, ameigar, dizer coisas; e dar aos outros para que façam o mesmo: *Ora pega tu!*

Tanto na vida animal como na vegetal, aqui é tudo assim; um terço das coisas, vai-se embora. São aprendizes.

ESTEVE cá a senhora da Granja. A senhora da Granja, visita frequentemente as nossas casas de Miranda, do Tojal, de Coimbra, do Porto, e esta de Paço de Sousa, isso nem se fala. Os rapazes morrem por ela. O *Pirulas*, manhazinha, vem-me perguntar se pode ir bater à porta do quarto da senhora da Granja, que ela ontem assim lhe recomendara. *Pois sim; vai.* E ele foi bater à porta do quarto da senhora da Granja. Norberto, apresenta a mesa do café de manhã em ar de festa. Ele toalha de linho; do nosso linho caseiro. Ele loiça boa. Ele jarra de flores. Ele bilhas especiais de café e de leite. Eu estranhei e quis saber. *E' a senhora da Granja*, responde ele, e continua a servir. Ele mesmo, o Norberto, também se tinha enfeitado com o melhor avental de meza. Mas eu quis saber mais e perguntei... *Olha lá, quem vale mais; eu ou a senhora da Granja?* O Norberto entupi. Cobriu os olhos com os dedos da mão e ficou assim por muito tempo, sem nada dizer. Nem tinha nada que dizer, além do que eloquentemente dissera, pela forma como espontaneamente recebera um hospede.

BATATAS à terra. O comer, é um dos verbos mais declinados cá por casa. Batatas à terra, num terreno que era destinado à construção, aqui abaixo da casa-mãe, no coração da aldeia. Surribou-se. No próximo ano será vinha. Por ora é campo de batatas. Da sacada, vejo tudo: Duas juntas de bois possantes abrem os regos. O estrume vem das cortes. Estrume de curral. Remédio caseiro das terras. Bota um cheiro são e fértil!

As galinhas vão atraz do arado à cata de bichos. Muitas galinhas. Pintainhos também; uns de semanas, outros de meses, que de tudo nós cá temos. Também lá vêm os garnizes do *senhor Moreira*, enrascados e aflitos, por não poderem avançar as leivas! Andam os pardais. Andam as pombas. Andam outros passarinhos. De onde estou, vejo tudo.

Andam os nossos dois *principes*, que pela idade, não teem ainda obrigação talhada. Fazem festas ós bois e brincam na terra parda.

Anda uma data de rapazes, que se fôsse a dizer os nomes, não chegava uma coluna do jornal. Muitos. Muito contentes. Muito sujos—mas não de lama. E' de terra; é do trabalho. Estou a ver o Alfredo Ross, o irmão do Arouca dos Porcos, o Fuinha, o Carlota, o Rodrigo, o Zé Pinto e mais e mais e mais. Este Zé Pinto é o tal de quem nada se sabe, nem ele tão pouco. Logo que isso me seja possível, hei-de pôr o *Morris* nas rodas e correr mundo a ver se alguma coisa descubro; dar-lhe um nome. Dar-lhe uma posição. Por agora, basten-os a todos a alegria de o sabermos feliz, a semear batatas.

POR falar no Arouca dos Porcos, saiba-se que ele resolveu fugir a semana passada. Fugiu. Dias depois regressou.

O mesmo fez o Franquelim. O Franquelim, é um rapaz que só tem de seu a terra que calca. Mandei-o ao Porto ver se descobria os seus documentos. Foi e saiu-se bem. Ele era nosso há quase um ano. Como quer que tivesse visto e cheirado as ruas, veio-lhe naturalmente a saudade delas, e no dia seguinte fugiu. Fugiu, e declarou a uns senhores, que eu o mandara embora! Eles todos todos todos dizem a mesma coisa. E nós temos sempre sempre sempre de usar a mesma arma: Paciência. A paciência. E' nela, na paciência, que verdadeiramente nos possuimos. E' um dom; dom de Deus.

O Franquelim, assim como o Arouca dos Porcos, também regressou.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 **Obras** — As nossas obras vão cada vez a andar mais depressa. Trabalham nelas: 5 pedreiros, 3 carpinteiros, 1 estuador, 1 serralheiro e 3 ajudantes. Agora, andam a arranjar a Enfermaria, a nova Escola e quartos que estão quase prontos.

A Senhora Professora é que não está lá muito contente... por causa da Escola ir para uma das extremidades do nosso palácio. Mas por um lado é melhor, porque terá lá menos barulho.

As férias dos operários importam actualmente, em quase 3 contos.

A nossa quinta está cada vez mais linda. As árvores que plantámos já estão a rebentar e as batatas já estão com a rama de fora.

No campo trabalham 5 homens e uns 10 rapazes dos nossos; três deles a ganharem já o seu salário. Como foi dito no número 128 do *Famoso*, esta casa gastou no ano passado, em obras, quase 600 contos. Este ano se Deus quiser, há de chegar aos mil. Os nossos amigos que não se assustem.

2 **Conferência** — A nossa Conferência vai progredindo. Já visitamos 4 pobres do Tojal e 2 dos arredores. A última pobre que entrou vive na maior miséria. Tem mais de 80 anos. Não pode andar, nem trabalhar. Paga 20 escudos de renda

da contente, quando o Manuel Pedreiro lá foi a primeira vez.

Ainda não temos subscritores, porém, graças a Deus, até hoje tem havido que lhes dar. Os visitantes também não se têm esquecido de nos ajudar.

3 **Portugal** Deu-me que **Espanha** fazer o desafio internacional... Direi porquê.

Eu, o Manteigas e o Manuel Pedreiro, 15 dias antes, pedimos ao Sr. P.º Adriano para nos deixar ir ver o desafio. Mas, não tivemos muita sorte... A' segunda vez, foi melhor. Ouvimos o *sim*. Então, telefonamos para várias partes, a pedir bilhetes. Sem resultado. Telefonamos para a Federação, mas, não conseguimos nada. Estava um caso sério. Queríamos bilhetes, fosse de que maneira fosse. Mas... o caso estava difícil...

Quinta-feira, vou eu, manhã alta, para o Parque Mayer, resolvido a apanhar pontapés e pisadelas. Ao fim de 3 horas de padecimento, começa a bicha a andar com toda a força. E eu todo contente... Quando cheguei à porta da bilheteira, malhavam os polícias nas costas do povinho, que só visto... Rimos a bom rir a ouvir:—«Ora esta... Estamos aqui, desde a meia-noite, sem dormir, e ainda por cima nos batem!...

Por tudo isto, regresssei triste. Que maçada! Sem bilhetes, e tan-

4 **Venda do Famoso** Nesta última vez que fomos vender o Famoso a

Lisboa, também fomos aos escritórios da *Secil* buscar uns livros para a nossa biblioteca. Quando lá chegámos, o que primeiro me perguntaram foi o meu nome e se levávamos jornais para vender. Que pena, tínhamos vendido tudo. Então, o chefe dos escritórios disse-nos para lá irmos com o próximo número e almoçaríamos lá com eles. Deram-nos, depois, dois saquinhos muito *giros* com 100 escudos cada um. Um, cheio de moedas de 25 tostões para um parafuso da tipografia; o outro, com moedas de 5 escudos para as amêndoas da Páscoa.

No próximo número lá iremos e esperamos vir tão contentes como desta vez.

Viva a Fábrica do Cimento Secil de Setúbal.

5 **Amêndoas** — Como estamos perto da Páscoa, convém-nos dizer quantos somos:

Uns pequenos, outros grandes... somos 56. Todos comem amêndoas.

Vieram de novo para a nossa casa, três rapazes da Mitra. São três irmãos, sem pai nem mãe. O mais pequeno—o Capitão—tem quatro anos e diz que quer ser polícia.

Dum dos bairros da Capital, veio-nos um outro. Pela sua aparência, parece um cigano. Queimamos-lhe a roupa que trazia e depois de tomar banho, vestiu da nossa roupa.

Ainda não está baptizado. A gente chama-lhe o Zé Laracha.

Crónica da nossa Aldeia

1 Como dissemos no número anterior a galinha que estava a chocar os ovos de garnizé do Periquito, ou antes do Moreira, já teve os garnizes. Só nasceram nove. Muito poucos mas os outros ovos estavam chocos.

2 Ontem o nosso tear levou a última afinadela. O afinador de tear chegou de manhã no primeiro comboio, e dirigiram-se logo para a oficina. Chegados tiveram de mudar um tubo do motor porque o que estava lá dava 450 voltas p.r minuto, e o segundo só dá 150 mais ou menos. Depois tiveram de afinar os braços, e mexer lá nuns parafusos, e a lançadeira saía muito e ainda foi ao corpo dum que estava lá a ver como era que se afinava. Agora é que se pode trabalhar à vontade, mas estamos somente à espera de um tecnico que ensine ao nosso tecelão.

3 No domingo veio cá uma excursão em visita à nossa casa e chegaram pelas dez horas e meia. Era o Centro ciclista de Gondomar e da parte de tarde fizemos um desafio amigável em que nós vencemos por cinco bolas a quatro. Segundo nos informaram este grupo foi a primeira vez que sofreu a primeira derrota.

4 Aqui na nossa Aldeia estamos na época de pôr galinhas a chocar ovos, e não sei se por aí por fora é a mesma coisa.

Agora estamos com mais seis galinhas a chocar mais ovos. Já quatro galinhas que tiveram pintainhos com